



UNIVERSIDADE
E D U A R D O
M O N D L A N E

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

CURSO DE ARQUEOLOGIA E GESTÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL

***NIAMARA: UM LUGAR CENTRAL DO SÉCULO XV AD, NASTERRAS ALTAS DE MANICA,
EM MOÇAMBIQUE***

Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural na Universidade Eduardo Mondlane.

Elaborado por: Laurinda Jeremias Mutimucuo

Supervisora: Professora Doutora Solange Laura Macamo

Maputo, Março de 2021

**NIAMARA: UM LUGAR CENTRAL DO SÉCULO XV AD, NAS TERRAS ALTAS DE MANICA,
EM MOÇAMBIQUE**

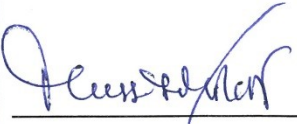


Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Arqueologia e Gestão do Património Cultural na Universidade Eduardo Mondlane

Por: Laurinda Jeremias Mutimucuo

Departamento de Arqueologia e Antropologia

Faculdade de Letras e Ciências Sociais

Universidade Eduardo Mondlane

O Júri:			Data
O Presidente	O Supervisor	O Oponente	
			20/04/2027

Índice

DECLARAÇÃO.....	i
DEDICATÓRIA.....	ii
AGRADECIMENTOS.....	iii
LISTA DE ACRÓNIMOS E ABREVIATURAS.....	iv
LISTA DE FIGURAS E TABELAS.....	v
RESUMO.....	vi
1.Introdução.....	1
1.1.Formulação do problema.....	2
1.2. Objectivos.....	3
Geral.....	3
Específicos.....	3
1.3. Justificativa.....	3
1.4. Objecto de estudo.....	4
1.5. Metodologia.....	4
1.6. Estrutura do trabalho.....	4
1.7. Definição de conceitos.....	
.....	5
Capítulo 1. Revisão da literatura.....	8
1.1.Breve historial da pesquisa em recintos amuralhados do tipo Zimbabwe na África Austral	8
1.2.Resultados das investigações arqueológicas em Niamara.....	9
1.3.Origens urbanas na África Austral e Oriental.....	11
1.4. Padrão de urbanização/ povoamento.....	14
Capítulo 2. Contexto físico-geográfico da área de estudo.....	15
2.1.Localização geográfica.....	15
2.2. Clima e Hidrografia.....	16

2.3. Topografia.....	16
Capítulo 3. Interpretação do padrão de urbanização em Niamara.....	18
3.1. Descrição do amuralhado de Niamara.....	18
3.2. O padrão linear de urbanização em Niamara.....	21
3.3. Evidências arqueológicas associadas com o recinto amuralhado de Niamara.....	22
3.4. Discussão: Processo de urbanização em Niamara- constatações para a formação do lugar central.....	24
Conclusão.....	27
Referências Bibliográficas.....	28

DECLARAÇÃO

“Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada para a obtenção de qualquer grau académico e que a mesma constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando citadas ao longo do texto as fontes bibliográficas usadas para a sua efectivação.

Laurinda Jeremias Mutimucuo

Maputo, Março de 2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Jeremias Mutimucuo e Alice Muiambo, assim como às minhas irmãs, pelo incansável apoio material e moral.

AGRADECIMENTOS

Endereço o meu agradecimento, em primeiro lugar, a Deus, pois sem ele nada seria possível.

Aos meus heróis, Jeremias Mutimucuo e Alice Muiambo. Às minhas irmãs, em especial a Raulina Mutimucuo, pela motivação, apoio incondicional, amizade e compreensão.

Agradeço imensamente à minha supervisora, Prof^a. Doutora Solange Macamo, pela ajuda na delimitação do tema. Agradeço igualmente pela paciência na orientação do trabalho, durante as várias fases da sua elaboração e conclusão.

Os meus agradecimentos são extensivos ao corpo docente desta Universidade, em particular do Departamento de Arqueologia e Antropologia, designadamente, Dra. Kátia Filipe, Prof. Doutor Hilário Madiquida, Prof. Doutor Leonardo Adamowicz (em sua memória), Dr. Décio Muianga, Dr. Omar Madime, Dr. Hamilton Matsimbe, Dra. Marta Langa, Dr. Celso Simbine, Dr. César Mahumane, Prof. Doutor Ricardo T. Duarte, Dr. Jossias Humbane e Dr. Mussa Raja.

Os meus agradecimentos estendem-se também aos meus colegas, pelo apoio, conselhos e atenção dispensados à minha pessoa, desde o início do curso, particularmente, Kátia Macule, Marta Inácio, Sheila Machava e Victória Ambrósio (em sua memória). Aos demais colegas, Ernesto Maculuve e Amido Atuia, muito obrigada pelo vosso apoio.

A todos que, apesar de não mencionados, directa ou indirectamente, contribuíram para que este trabalho se tornasse realidade. O meu muito obrigado a eles também!

Agradeço, igualmente, ao meu noivo, pela compreensão e apoio durante os meus estudos e ao meu cunhado, Lourenço Chivite, pelo apoio moral. Muito kxanimambo!

LISTA DE ACRÓNIMOS E ABREVIATURAS

AD – Anno Domini (Ano do Senhor)

DAA– Departamento de Arqueologia e Antropologia

MAE– Ministério da Administração Estatal

Sida– **SAREG**– Agência Sueca para a Cooperação Científica

UEM– Universidade Eduardo Mondlane

LISTA DE FIGURAS E TABELA

Figura 1. Mapa da localização geográfica do Distrito de Barué em Manica e da estação arqueológica de Niamara destacando-se o Rio Púnguè(elaborado por AmidoAtuia, 2021)	17
Figura 2 e 3. Representação da vegetação do cume do monte Muranda, onde se encontra o amuralhado de Niamara (Foto: Arlindo Zomba, 2017)....	19
Figura 4. Pedras sobrepostas em formato de "Castelo" em Niamara (Foto: Arlindo Zomba, 2017)	21
Figura 5 e 6.Características arquitectónicas do amuralho de Niamara (Foto: Arlindo Zomba, 2017)	22
Figura 7 e 8. Representação do tipo e formato de casas do amuralhado de Niamara (Foto: Arlindo Zomba, 2017)	24
Figura 9. Fragmentos de cerâmica do amuralhado de Niamara (Desenho: por Leonardo Adamowicz).	25
Tabela classificatória do amuralhado de Niamara.....	21

RESUMO

Uma das áreas de interesse arqueológico consiste no estudo acerca das origens urbanas em Moçambique, que remontam desde os finais do I milénio AD.

Niamara era um centro urbano do interior localizado nas terras altas da província de Manica, com uma construção associada ao complexo da Tradição Zimbabwe-Khami, sendo datado do século XVAD.

O objectivo deste estudo foi mostrar como é que a urbanização surgiu em Niamara, destacando a formação do lugar central.

O conhecimento que comprova a urbanização em Niamara é veiculado, neste estudo, a partir de dois elementos fundamentais de análise: as fontes físico-geográficas e as evidências arqueológicas, para interpretações acerca da formação do lugar central. Esta leitura ressalta a existência de uma arquitectura complexa do amuralhado feito de pedras de xisto e das habitações de *dhaka*. Estas estruturas são genericamente classificadas como da Tradição Zimbabwe-Khami. Contudo, as habitações de *dhaka*, em Niamara são peculiares, dentro desta tradição, dado que ao contrário do padrão comum, tinham paredes feitas igualmente de pedras de xisto. Estas estruturas estão associadas a um conjunto de objectos móveis locais e importados. A análise dos objectos importados, como bens exóticos, é crucial para o entendimento da forma da sua apropriação, para o reforço do poder da classe dominante, através do comércio a longa distância, cuja rota ainda está por esclarecer. Contudo, olhando para o ambiente geográfico existe a possibilidade desta rota ter sido o Rio Pungué, ligando o interior em Manica, onde está Niamara, com a Baía de Sofala, na costa do Índico.

O estudo mostra que o Lugar Central em Niamara pode ter seguido o padrão linear de urbanização.

Palavras-chave: Niamara. Campo. Tradição Zimbabwe-Khami. Lugar Central. Padrão Linear. Urbanização.

1. Introdução

Em 1998, deu-se início ao projecto das origens urbanas, na África Austral e Oriental, que visou esclarecer esta problemática, através do envolvimento de estudiosos africanos, contando com o apoio da Sida- SAREC (Sinclair 1998)

Genericamente, considera-se que, nesta região e particularmente em Moçambique, as origens urbanas foram a consequência do desenvolvimento das Comunidades de Agricultores e Pastores, durante o segundo milénio AD (Macamo 2016). As suas origens remontam desde os finais do I milénio AD (Bruschi 2001:9), mas podem ter sido muito antes, nos meados do I milénio AD (Juma 2004; Macamo 2016).

A prática da pastorícia em grande escala foi crucial para as origens urbanas, estimuladas pelo crescimento do comércio a longa distância, em forma de amuralhados do tipo Zimbabwe, no interior e das cidades Swahili na costa norte de Moçambique (Sinclair 1987; Duarte 1993; Macamo 2006b, 2009).

O objectivo deste trabalho é abordar o padrão de urbanização especificamente, do interior, cujo exemplo é Niamara, um amuralhado da Tradição Zimbabwe-Khami, localizado na província de Manica, no Distrito de Bárue.

O padrão de urbanização, no interior, em Moçambique (no caso vertente dos amuralhados da Tradição Zimbabwe-Khami) foi identificado em Niamara e no Songo, nas províncias de Manica e de Tete, respectivamente. Contudo poderão ainda existir tipos similares destes amuralhados que só futuras investigações poderão revelar, como aconteceu recentemente, com a identificação do amuralhado de Ngomeni, na província de Inhambane (Macamo *et al.* no prelo).

Felizmente, James Bannerman (2012) descreve um conjunto de amuralhados identificados na serra Zembe, na província de Manica, úteis para o melhor entendimento da Tradição Zimbabwe- Khami, em Moçambique.

A Tradição Zimbabwe-Khami é uma designação dada pelo arqueólogo Paul Sinclair (Pikirayi 1993), a partir dos estudos efectuados no Zimbabwe e em Moçambique. A base desta designação parte de um estilo comum de forma e decoração cerâmica (geométrica e grafitada), que no entanto evoluiu do primeiro para o segundo tipo (Solange Macamo

comunicação pessoal, em 2020). Segundo ela, o tipo Khami embora mantendo as mesmas características do Zimbabwe é notável, pela cerâmica policromática.

Os amuralhados Zimbabwe foram feitos de pedra solta sem o uso de argamassa. Estas construções dividem-se em dois tipos: o amuralhado em si e as casas de habitação de *dhaka*, estaca e palha (Ndoro 1997, 2001; Macamo 2011). Em termos de técnica de arquitectura, conhecem-se as seguintes: *Free-standing wall* (pedras levantadas que formavam o amuralhado, no interior do qual eram construídas as casas de habitação onde vivia a elite dirigente) e *Retaining Wall* (construções em plataforma, por cima da qual assentavam as casas de habitação onde também vivia a elite dirigente) (Ndoro 2001, 2005; Macamo 2009; Pikirayi 2013).

Nocamporesidia o resto da população, maioritariamente camponesa (Macamo 2006a; Manyanga 2006; Pikirayi 2013; Chirikure et al. 2018). Contudo, a diferenciação entre a elite e os comuns, no nosso contexto africano, como foi comprovado no Grande Zimbabwe, não deve ser vista de forma linear, conforme Chirikure *et al.* 2018. Por exemplo, segundo eles, tanto a elite como os comuns praticavam a caça, em pé de igualdade.

O presente estudo visa, particularmente, compreender a natureza do lugar central em Niamara, através do padrão de urbanização. É, igualmente, feita uma tentativa cautelosa de interpretação do lugar central a dois níveis: o lugar central em si e a aldeia dos camponeses, nesse caso o campo. As evidências encontradas a este respeito são pouco claras, sendo que o padrão linear de urbanização, parece a melhor alternativa de interpretação do lugar central, em Niamara, conforme Solange Macamo (comunicação pessoal, em 2021).

1.1. Formulação do problema

Os estudos efectuados em Niamara no período colonial (Wiechhoff 1941 citado por Oliveira 1973) concluíram que este local era provavelmente uma pequena cidade com cerca de 30 casas, das quais 9 ou mesmo 10 casas estavam localizadas dentro do principal amuralhado.

Volvidos alguns anos após a independência, Macamo (2006a, 2011) a partir das investigações arqueológicas em Niamara no âmbito do projecto Sida-SAREC, constatou que os dirigentes de Niamara viveram no amuralhado por volta do Século XVAD, no alto do monte, deixando o vale para as populações, onde as mulheres tinham poder económico que lhes permitia o controle de cereais, conforme atesta o amuralhado de Magure (Macamo 2006a).

Apesar desses trabalhos existe a necessidade de se compreender a formação do lugar central em Niamara através da interpretação do padrão de urbanização, assim como da separação entre o campo e o centro urbano. Daí que se coloca a seguinte pergunta de partida:

Como é que Niamara se formou como lugar central?

1.2. Objectivos

Geral

Analisar o processo de urbanização em Niamara no que a formação do lugar central diz respeito.

Específicos

- Providenciar o quadro conceptual sobre a urbanização do tipo Zimbabwe;
- Caracterizar o contexto físico-geográfico da estação arqueológica de Niamara;
- Descrever o arquitecturado recinto amuralhado de Niamara;
- Interpretar a natureza do padrão de urbanização em Niamara;
- Caracterizar a formação do lugar central em Niamara.

1.3. Justificativa

Moçambique é um dos países da África Austral com amuralhados da Tradição Zimbabwe-Khami, os quais foram construídos de pedra, sem uso de argamassa. Estes amuralhados circundavam as casas de habitação de palha e *dhaka*, onde vivia a elite dirigente, como forma de ostentação do poder entre os séculos XI e XIX AD (Macamo 2011:1). Niamara é um amuralhado da Tradição Zimbabwe-Khami de notável valor do ponto de vista arquitectónico e arqueológico que nos permite uma melhor compreensão do processo de urbanização do tipo zimbabwe, em Moçambique.

O meu particular interesse por este tema, provém essencialmente da minha formação no curso de Arqueologia e Gestão do Património Cultural. Desta feita, as aulas sobre as *Sociedades Complexas e as Origens Urbanas em Moçambique* ministradas por Solange Macamo, foram um enorme incentivo para a escolha deste tema por terem proporcionado diversas discussões na sala de aulas à volta das origens urbanas na África Austral, mais particularmente em Moçambique (especificamente sobre o padrão de urbanização em Niamara).

Com este trabalho espera-se que o mesmo possa contribuir para a compreensão do padrão da urbanização em Niamara no século XV AD, através do lugar central, um capítulo de estudo ainda por aprofundar em Moçambique.

1.4. Objecto de estudo

O presente trabalho tem como objecto de estudo a estação arqueológica de Niamara localizada na província de Manica, no distrito de Bárue, no que ao padrão de povoamento urbanodiz respeito.

1.5. Metodologia

O processo para a elaboração deste trabalho compreendeu duas (2) etapas, a primeira das quais consistiu na pesquisa bibliográfica e documental nos acervos bibliográficos disponíveis na cidade de Maputo, nomeadamente a biblioteca do DAA da UEM, a biblioteca Central Brazão Mazula e o Arquivo Histórico de Moçambique. Nesta etapa recorreu-se ainda à consulta de alguns artigos disponíveis na internet, de modo a complementar as informações inicialmente recolhidas sobre o tema em estudo.

A segunda etapa centrou-se na análise e interpretação dos dados recolhidos nos locais acima referenciados. A partir deste procedimento foi possível analisar o padrão de urbanização em Niamara numa abordagem da formação do lugar central durante o século XV AD.

A minha análise baseou-se, fundamentalmente, na obra de Sandro Bruschi (2001) sobre o *Campo e Cidades da África Antiga*, para uma abordagem arquitectónica, como complemento das evidências arqueológicas observadas em Niamara (capítulo 3).

1.6. Estrutura do Trabalho

O presente trabalho está estruturado da seguinte maneira:

Capítulo 1- O presente capítulo diz respeito a revisão de literatura que compreende 4 aspectos de análise bibliográfica: breve historial da pesquisa em recintos amuralhados do tipo Zimbabwe na África Austral; os resultados das investigações arqueológicas em Niamara e as Origens urbanas na África Austral e Oriental.

Capítulo 2- Faz referência ao contexto físico-geográfico da área de estudo e visa a compreensão do padrão de urbanização usando os mesmos recursos como fontes de conhecimento.

Capítulo 3- Descreve o amuralhado, de forma a interpretar o processo da urbanização em Niamara, do ponto de vista da construção e da ocupação do espaço, também destaca os

elementos do centro urbano e do campo, numa base analítica fundada na arquitectura do amuralhado de Niamara e nas evidências arqueológicas.

1.7. Definição de conceitos

Amuralhado Zimbábwé—designa as estruturas em pedra, geralmente de granito, sobrepostas sem argamassa a uni-las. Tinham como função delimitar a zona onde viviam os chefes, como símbolo de poder e prestígio. Entre os séculos XVII-XIX, assiste-se ao aparecimento de amuralhados com uma função defensiva, do estilo fortificação (Pikirayi 1993 citado por Macamo 2009). Os tipos de amuralhados, geralmente coincidem com as fronteiras de olaria, no contexto da Idade do Ferro Superior (Macamo 2003). No caso vertente tomaram o nome de Tradição Zimbabwe-Khami.

Para Oliveira (1973: 31) amuralhados – são todas as ruínas de pedra constituídas por complexos, recintos, fortins, simples desmoronados, torres cónicas, sepulcros, bases onde assentaram palhotas habitacionais, etc., todos representados em Moçambique.

Campo (Aldeia dos camponeses)—Para Bruchi (2001: vii) designa os assentamentos rurais em África até a colonização europeia. Esta definição providencia uma abordagem arquitectónica, para a qual o tipo de construções do campo pode ter ou não a forma de “palhota” em contraste com a área urbanizada, onde praticamente a “palhota” é inexistente.

No entanto, de acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa (1999: 290) o campo é “terra de cultivo; espaço plano; terreiro sem edificação, dentro de uma povoação; aldeia”. Nesse sentido, o campo centra-se na agropecuária e em outros fenómenos espacialmente contínuos a esta (Smirnov 1972 citado por Araújo 1997: 19).

Cidade—Complexo demográfico, formado, social e economicamente, por uma importante concentração populacional não agrícola, ou seja, dedicada a actividades de carácter comercial, industrial, financeira e cultural. Também designa uma povoação de primeira categoria de um país (Macamo 2016: 1 citando Whetley, P. 1972), indicando um sistema hierárquico de categorização dessas povoações, no qual a cidade tem a categoria mais elevada (Solange Macamo, comunicação pessoal, em 2020).

Araújo (1997: 20) considera três indicadores fundamentais para a designação de uma cidade: “número de habitantes; principal actividade da população residente; organização administrativa”.

Dhaka- Significa barro duro usado para pavimentar soalhos de habitação (Beach 1980 citado por Macamo 2003).

Lugar Central- “ É a hierarquia dos espaços urbanos, representando o meio final de organização geográfica (de um espaço do território, na sua componente social, político-administrativa e económica). O LC existe em oposição à periferia” (Macamo 2020: 1)

Niamara (Nhamara) – Ruínas Zimbabwé situadas na província de Manica, no distrito de Bárue, perto da fronteira com o Zimbabwe. Encontram-se no topo de uma montanha e dividem-se em duas partes: a remota e a principal. A anterior é circundada por uma muralha baixa e contém fundações das antigas habitações *dedhaka*. A seguinte é composta de vários amuralhados também com estruturas de *dhaka*. De acordo com Macamo (2003:54) Niamara teve, provavelmente, algumas ligações com Dhlo- Dhlo, Khami e Naletali, no Zimbabwe. Pertence, provavelmente, ao tipo de construção Khami. Os resultados da análise de radiocarbono mostram que o amuralhado de Niamara é datado do século XV AD (Macamo 2006a).

Tradição Zimbabwé (ou Grande Zimbabwe) – O termo Tradição Zimbabwè (para outros tradição de ruínas), é um termo global que inclui diferentes entidades arqueológicas. A difusão geográfica da tradição Zimbabwè, foi determinada através de trabalhos arqueológicos realizados em várias estações arqueológicas ao longo do planalto do Zimbabwe e sul de Moçambique. Crê-se que a tradição Zimbabwé tenha as suas origens nos grupos culturais do sul da tradição Kutuna e a transição para o planalto é melhor conhecida no Grande Zimbabwe. Além de outros critérios, a Tradição Zimbabwe é caracterizada pela presença de diferentes grupos de complexos de amuralhados e a olaria geométrica e queimada é considerada a entidade que melhor distingue esta tradição (Macamo 2003: 66).

Padrão Linear de urbanização—consiste no transporte relacionado com as rotas de comunicação, havendo ainda o padrão uniforme e o padrão *cluster*(Macamo 2020; Capítulo 1).

Urbanismo – É um termo usado para designar “um conjunto de qualidades que certos povoamentos vastos e compactos possuem e que em determinado momento representam a continuidade do movimento da população. Os pontos de intersecção, nos modelos de povoamento, caracterizam formas distintas de vida consideradas como sendo "urbanas". Estas formas começaram a aparecer na hierarquia dos povoamentos há alguns 5 mil anos atrás, no

decurso da transformação de grupos relativamente igualitários em grupos socialmente estratificados, organizados politicamente, na base de sociedades de um território” (Macamo 2016: 1). Entretanto, alguns autores definem como sendo urbanos os aglomerados populacionais com cerca de 10.000 ou mais habitantes, cuja actividade económica principal não pertença ao sector agrário, e com uma infra-estrutura sócio económica e administrativa considerada mínima (Araújo 1997: 22).

Os termos aqui introduzidos serão usados ao longo deste trabalho, para a abordagem teórica do tema da urbanização. Contudo, afigura-se necessária uma revisão da bibliografia, para melhor contextualização do tema de estudo, conforme o capítulo seguinte.

Capítulo 1. Revisão da literatura

O presente capítulo compreende 4 aspectos de análise bibliográfica: breve historial da pesquisa em recintos amuralhados do tipo Zimbabwe na África Austral; os resultados das investigações arqueológicas em Niamara e as Origens urbanas na África Austral e Oriental.

1.1. Breve historial da pesquisa em recintos amuralhados do tipo Zimbabwe na África Austral

A existência de construções em pedra referenciada por algumas fontes portuguesas do séc. XVI, provem de relatos de autores britânicos Hall e Neal (DAA-UEM 1980; Macamo 2006a). Estes recintos amuralhados foram mais tarde escavados por Wieschhoff, nos finais de 1929 (Macamo 2006a: 125).

Um dos primeiros pesquisadores a visitar as ruínas do tipo Zimbabwe foi o geólogo alemão Karl Mauch que se denominou por “Zimbabye” (zimbabyé). O termo “Zimbabye” foi mais tarde usado por “Sir” Willoughby (Oliveira 1973: 32). Vários outros nomes surgiram para designar as ruínas de pedra Zimbabwe. Contudo o nome Zimbabwe foi o adoptado até hoje, para designar este tipo de amuralhado (Oliveira 1973: 32).

Os amuralhados do tipo Zimbabwe não tinham a função de defesa, mas de afirmação de poder da classe dominante e serviam para restringir as áreas da elite dirigente dos demais, e para destacar a sua autoridade (Macamo 2009, citando Hall 1988). As muralhas exibem o poder do Estado e os êxitos da classe reinante. Estes amuralhados demonstravam o nível de controlo que a nobreza tinha sobre a sua sociedade e a sua localização no topo da montanha acentuava o simbolismo do poder real, manifestado através da sua ideologia religiosa, como os pássaros esculpidos encontrados no Grande Zimbabwe (Huffman 1996; Matenga 2011).

Em alguns casos, as construções do Grande Zimbabwe e outros assentamentos menores do tipo Zimbabwe, tinham a função prática de facilitar a drenagem das águas pluviais, ou servir de apoio para o cultivo da terra e para as casas dos camponeses. As casas, cercadas por muralhas, pertenciam sempre ao tipo de casa cilíndrica com paredes de pau-a-pique, cobertura cónica de capim e varanda (Bruschi 2001: 140).

Vários trabalhos arqueológicos foram feitos por profissionais que revelaram que as construções do tipo Zimbabwe são genuinamente africanas e não foram obra de pessoas de outro continente (Macamo 2006a: 125).

Os estudos efectuados por Roza de Oliveira sobre os amuralhados Zimbabwe foram actualizados por Bannerman (2012), onde os mesmos centraram-se na Serra Zembe que está a 20km de Chimoio, Província de Manica, é o sítio mais conhecido do Grande Zimbabwe no centro de Moçambique, conhecido como o local onde abrigou uma das duas principais residências dos governantes do estado de Tewe (Quiteve) datado de 1600 AD até à chegada

dos Nguni de Nxaba na década de 1830. O estado de Tewe foi um intermediário entre os portos Swahili de Sofala e Chiloane para Sofala e para outros estados Shona do Sul e do Norte. Não obstante, foi quem controlava as rotas comerciais da costa para o interior desde os vales de Búzi e Púnguè.

1.2. Resultados das investigações arqueológicas em Niamara

O amuralhado de Niamara foi pela primeira vez escavado por Wieschhoff aquando da sua participação na nona expedição à África entre os anos 1928 a 1930, no âmbito do projecto *Frobenius* (Macamo 2006a). Em 1929, Wieschhoff indicou duas maneiras diferentes de chegada ao recinto amuralhado de Niamara. O primeiro exigia percorrer uma distância com duração de quatro horas a partir da cidade de Catandica e o segundo implicava viajar por um período de dois dias e meio a partir do local onde se encontra situado o Zimbabwe de Inyanga, na actual República do Zimbabwe (Macamo 2006a: 212).

O nome Niamara foi adoptado por Wieschhoff em 1941 e Summers em 1971. Essa designação causou um debate entre vários autores e pesquisadores, tendo sido sugeridas diversas denominações como Nhangara, Nhangara, Nhangala e Niamara (Mendes Correia 1936; 1943; Riet Lowe 1948 citados por Macamo 2006a: 214), assim como Nhangara, Metali e Molamba (Santos Júnior 1940, 1950 também citados por Macamo 2006a: 214). Tanto a montanha como também o rio são chamados de Niamara e Nhangara. No entanto, Niamara é o nome mais utilizado na literatura para designar o recinto amuralhado (Macamo 2006a: 214).

A maioria dos objectos arqueológicos do recinto do amuralhado de Niamara foi enviada para o Instituto für Kulturmorphologie localizado em Frankfurt, na Alemanha. Este instituto foi o antecessor do Instituto Frobenius, onde os diários de escavação de Wieschhoff ainda são mantidos. Os objectos expostos foram queimados durante a Segunda Guerra Mundial. Neste instituto encontra-se também uma exposição denominada "Niamara-Ruine", contendo 33 desenhos de fragmentos de cerâmica. No Museu de História Natural em Maputo (extinto

Museu Dr. Álvaro de Castro) existiam 37 achados do recinto amuralhado de Niamara os quais foram fotografados por G. Smolla e M. Korfmann em 1968 (Macamo 2006a, citando Gerharz em comunicação pessoal). Em 1996, este material encontrava-se irreconhecível, pelo facto de provavelmente o mesmo ter sido dispersado ou perdido durante a deslocação das colecções do Museu de História Natural para o Departamento de Arqueologia e Antropologia

Agradeço a Vitalina Jairosse pela tradução da obra do Bannerman

da Universidade Eduardo Mondlane (Macamo 2006a). Tanto o material fotografado em Moçambique como o que se encontra depositado no Instituto Frobenius foi examinado e ilustrado por Gerharz em 1973 (Gerharz 1973 citado por Macamo 2006a). Liesegang e Macamo visitaram este instituto em 1996, a fim de documentar a colecção de Wieschhoff sobre o recinto amuralhado de Niamara (Macamo 2006a:214).

No artigo intitulado “Niamara: Funde e auseinereisenzeitlichen Ruine Süd-ostafrikas”, Gerharz (1973 citado por Macamo 2006a: 214) examina cuidadosamente a topografia em torno do recinto amuralhado de Niamara, bem como a sua arquitectura. Os resultados apresentados são analisados e interpretados em relação à Tradição Zimbabwe-Khami, em Niamara, actualizando esta informação, numa perspectiva interdisciplinar, no contexto dos estudos sobre a urbanização.

Nos anos 1960, o recinto amuralhado de Niamara foi visitado por Rosa de Oliveira (Oliveira 1963)

Roza de Oliveira salienta que os tipos de amuralhados Zimbabwe conhecidos estão representados em Nhamara (Niamara), Macossa, montes Munene, Metáli, Inhamajo, Inhatôa, Mulanda e no Guro (Magure) no distrito de Bárue; em Mavita, Messambúzi e junto do rio Inhamanguene, no distrito de Manica; na serra de Zembe (montes Marobsi, Chimbanda, Sanhabanga, Nharunhanga, Tongoé e Chicomoca), no Chimoio, a sul de Vila Pery; em Vilânculos, Manhécuéne; em Tete, Songo e no Mungári, Bunga (Oliveira 1973: 31).

Os resultados dos trabalhos arqueológicos efectuados por Roza de Oliveira sobre os amuralhados em Moçambique mostraram que os mesmos eram originalmente africanos. Esta afirmação contrastava com a ideia defendida por alguns estudiosos da época, alguns dos quais destaca-se Lereno Barradas. Segundo Lereno Barradas (1972: 49) “os africanos seriam incapazes de construir os amuralhados pois estes não possuíam nenhuma formação académica para o efeito”. Entretanto, com o desenvolvimento da arqueologia africana, esta visão eurocêntrica foi desafiada, pois a partir das evidências arqueológicas e sobretudo dos estudos cerâmicos comprovou-se que os amuralhados do tipo Zimbabwe são genuinamente africanos (Macamo 2006b).

Entre 1996 e 1997, o recinto amuralhado de Niamara foi visitado por Solange Macamo, que liderou uma equipa da UEM, no âmbito do projecto SIDA-SAREC. A primeira campanha dos trabalhos de campo contou com a assistência de G. Liesegang e de H. Madiquida (embora não

tenham conseguido chegar ao local, em 1996) (Macamo 2006a: 215), devido às dificuldades da sua localização, na Serra Choa.

Todavia, a primeira tentativa de visita à Niamara, por uma expedição da UEM, reveste-se de grande importância, por que haviam se passado 30 anos desde que um arqueólogo visitara o local, ou seja desde a expedição de Oliveira. Desde os métodos usados por Wieschhoff (dada a insuficiência das condições de trabalho) os mesmos não conferem credibilidade aos resultados obtidos. Portanto, novas expedições, adequadamente equipadas e utilizando técnicas de escavação modernas eram necessárias (Ibidem).

Entretanto, durante a segunda expedição da UEM, realizada em 1997, quando finalmente se chegou à Niamara, o trabalho arqueológico consistiu no reconhecimento da área e em particular do amuralhado. Alguns fragmentos de cerâmica foram colectados à superfície fora do amuralhado para posterior análise. Esta etapa do trabalho contou com o apoio de Ricardo T. Duarte, Paulo R. Soares e ambos da Universidade Eduardo Mondlane e do Senhor Zitenhe, membro da Direcção Provincial da Cultura de Manica (Ibidem).

Além disso, uma pequena escavação arqueológica teve lugar em 1997, que consistiu na abertura de duas sanjas 1x1m, uma escavação do tipo teste, uma dentro e outra fora do amuralhado. O mapeamento desta escavação teve o apoio de Joaquim Miguel, então topógrafo do DAA/UEM. Infelizmente, as condições meteorológicas não permitiram a continuação das escavações em Niamara (Ibidem).

1.3. Origens urbanas na África Austral e Oriental

Acredita-se que a civilização urbana apareceu no continente africano em vários períodos e em diferentes locais. Todavia, existem muitos problemas de terminologia que dificultam a compreensão do que foi o fenómeno urbano em África nas diferentes épocas. A maioria dos assentamentos da África Austral era de tipo familiar e o sistema político era descentralizado (Bruschi 2001: 3-4).

A civilização urbana apareceu na bacia do Zambeze por volta dos finais do primeiro milénio AD numa área restrita no sul do rio Limpopo (Leopard's Kopje e Mapungubwe) onde surgiram as capitais do Estado Zimbabwe (Garlake 1978 citado por Bruschi 2001). De acordo com Décio Muianga (comunicação pessoal 2019, citando Chirikure *et al.* 2014)

recentemente foram revelados novos dados sobre a antiguidade das capitais do Estado Zimbabwe, em Mapela Hill, uma estação datada entre 1050 e 1400 AD, localizada entre a confluência dos Rios Shashi e Limpopo, a sudoeste da República do Zimbabwe (Chirikure *et al.* 2014). Esta descoberta também mostra que o urbanismo na África Austral teve o seu desenvolvimento inicial em Mapela Hill, estando ainda a decorrer estudos no local, relativamente à classificação arquitectónica do amuralhado (Muianga comunicação pessoal 2019). Para Huffman (2015), estas novas pesquisas desafiam as anteriores interpretações em torno de Mapungubwe e da Tradição Zimbabwe. Contudo, Huffman afirma que, Mapungubwe apresenta ainda as evidências mais importantes relacionadas com a questão da distinção de classes e poder na África Austral (Huffman citado por Maculuve 2019).

Mais recentemente, alguns autores como Bandama *et al.* (2018: 530) também citado por Maculuve (2019) estabeleceram uma nova sequência cronológica dos primeiros estados africanos na região Austral. Por conseguinte foram fornecidas as seguintes datas: Mapungubwe (1220–1290), Mapela Hill (1000–1400) e Grande Zimbábue (1000–1700). Outros Estados posteriores como Torwa-Changamire datam por volta de 1400 – 1820 e Venda entre 1700 – 1900 (Ibidem).

De acordo com Garlake 1978, citado por Bruschi (2001), a partir do surgimento da civilização urbana, consolidou-se mais tarde no planalto entre o Zambeze e o Limpopo um sistema de pequenos assentamentos de criadores de gado, de mineiros e comerciantes que dependiam de uma dezena de assentamentos maiores, um dos quais, no século XIII AD, que se estabeleceu no Grande Zimbabwe.

As evidências arqueológicas indicam que o Grande Zimbabwe foi um centro urbano com cerca de 11 a 20 mil habitações entre os séculos XIII e XV, com igual número de habitantes como Londres na mesma época (Hall 1987; Macamo 2009). Enquanto Theodore Bent e R. N. Hall consideravam que as ruínas do Grande Zimbabwe podiam estar associadas à antiguidade oriental, Randal MacIver por sua vez, concluiu que estas construções são genuinamente africanas (Oliveira 1973: 32), constatação essa que foi mais tarde confirmada por G. Caton-Thompson e por outros especialistas que a sucederam (Hall 1988).

Conforme se disse anteriormente, o desenvolvimento das Comunidades de Agricultores e Pastores em Moçambique deu lugar às origens urbanas durante o II milénio AD. Este desenvolvimento manifestou-se pela prática da pastorícia em grande escala e pelo crescimento do comércio à longa distância, que por sua vez, estimulou as origens urbanas, em

forma de amuralhados de tipo Zimbabwe (Macamo 2018). Um desses exemplos é Chibuene, um estabelecimento comercial do primeiro ao segundo milénio AD, que foi crucial para as origens urbanas, em Manyikeni e na região do Limpopo (Sinclair 1987; Ekblom 2004; Macamo 2006b). A estação de Manyikeni estava inserida no complexo da Tradição Zimbabwe e foi também um centro regional do Grande Zimbabwe, para a prática do comércio a longa distância, através do Índico, usando como porto de escoamento dos produtos comercializados, Chibuene (Sinclair 1987).

Os residentes dos Zimbabwes preferiam erguer os seus amuralhados nas zonas perto dos rios, pois as mesmas possibilitavam a prática da agricultura e da pastorícia. O planalto era um lugar ideal para a criação de gado, pois havia boas condições para a pastagem. A domesticação do gado era uma das suas bases económicas que também era de grande importância simbólica e desempenhou um papel crucial no exercício do poder do Estado (Macamo 2011 citando Garlake 1978).

Os amuralhados Zimbabwe tinham como função restringir as áreas onde vivia a elite dirigente dos demais e para destacar a sua autoridade e poder (Macamo 2006b; Manyanga 2006; Pikirayi 2013; Chirikure *et al.* 2018). Assim sendo, as muralhas do Grande Zimbabwe exibiam o poder do Estado e os êxitos da classe dominante (Ibidem). Fora das muralhas se estendiam os muito mais populosos assentamentos das classes subalternas, no campo, para a produção de alimentos. A distribuição dos Zimbabwes e a diferente dimensão dos assentamentos circundantes deu origem a que estes fossem interpretados como um complexo sistema de centros a partir dos quais uma classe restrita dominava um povo de agricultores e criadores de gado, (Bruschi 2001:140), com assentamentos no campo, distinta da cidade, que ficava na área dos amuralhados (Solange Macamo comunicação pessoal, em 2020).

Existia uma hierarquia de centros em que o último nível de subordinação era constituído por aldeias compostas exclusivamente por agricultores onde não existia nenhuma diferenciação de classe nem qualquer construção de pedra do tipo Zimbabwe (Connah 1987 citado por Bruschi 2001:140). Esta constatação confirma o sistema de urbanização discutido neste trabalho, fundado no estabelecimento do lugar central, em Niamara.

1.4. Padrão de urbanização/ povoamento

O Padrão de urbanização, ou povoamento urbano é definido de acordo com os seguintes critérios:

1º Padrão Linear o qual consiste no transporte relacionado com as rotas de comunicação;

2º Padrão Cluster ou Aglomeração o qual surge com centros de actividades especializadas que podem variar da mineração e manufactura de objectos até a provisão de condições de recreação e religiosas;

3º Padrão Uniforme que consiste em povoamentos, cada um dos quais possui serviços abrangentes para a região à sua volta e que conseqüentemente são designados Lugar Central (Macamo 2016 citando Whetley 1972).

Os pontos de intersecção, nos modelos de povoamento, caracterizam formas distintas de vida considerada como sendo urbana. Estas formas começam a aparecer na hierarquia dos povoamentos há 5 mil anos atrás, no decurso da transformação dos grupos relativamente igualitários em grupos socialmente estratificados, organizados politicamente, na base da sociedade de um território, assegurados por uma rede de comércio a longa distância (Macamo *et al.* 2018).

O padrão de urbanização na classificação acima demonstrada ajuda a perceber a maneira como se forma o Lugar Central, diferenciado da zona rural, ou do campo, ao redor dos lugares urbanos, através de um sistema hierárquico observado, conforme será interpretado mais adiante.

Capítulo 2. O contexto físico-geográfico da área de estudo

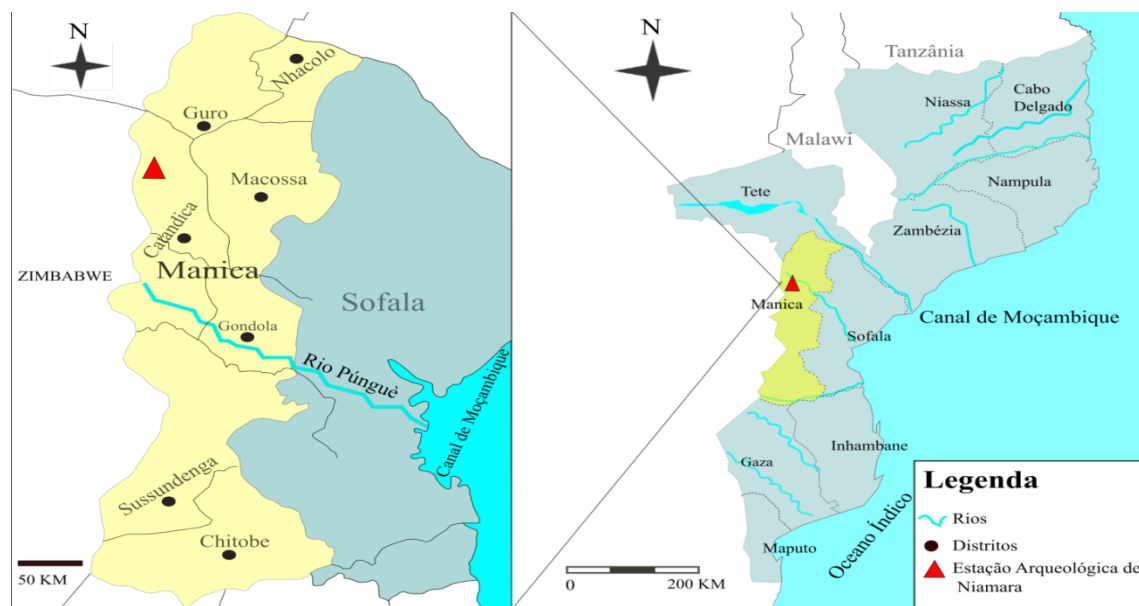
Este capítulo visa a compreensão do padrão de urbanização usando os recursos físico-geográficos como fontes de conhecimento.

2.1. Localização geográfica

O amuralhado de Niamara localiza-se no distrito de Bárue, na província de Manica, perto da divisória das águas entre as áreas de drenagem dos Rios Púngue e Zambeze e perto da fronteira com o Zimbabwe, na cordilheira Mulanda, ou Muranda, que pertence ao grupo Choacom as seguintes coordenadas geográficas: 18° 07'27"S, 33° 06'04"E (Macamo2003b: 54, 2006a).

O amuralhado de Niamara foi construído no pico do Monte Niamara, ou M. Nhangara, a sudeste da cidade de Catandica, capital do distrito de Bárue na província de Manica. Está situado a 880 km de Maputo, a 20 km da fronteira do Zimbabwe e c. 9 km de Catandica (Gerhartz citado por Macamo 2006a: 212).

Esta posição difere de outros amuralhados, uma vez que a distância é considerável, tanto em relação à um grande rio (o rio Zambeze), como à zona costeira. O rio Nhangara é o maior da Serra Choa, onde se posicionou o amuralhado de Niamara, num lugar privilegiado, com vistas extensas (Macamo2006a:2011: 4).



Figuras 1. Mapa da localização geográfica do Distrito de Barué em Manica e da estação arqueológica de Niamara, destacando-se o Rio Púngue (Por: AmidoAtuia, em 2021).

2.2. Clima e Hidrografia

O clima do distrito de Bárue é predominantemente do tipo “Tropical Chuvoso de Savana” na região planáltica ao redor do maciço montanhoso de Choa (classificação de Köppen), com duas estações distintas, a estação chuvosa (do tipo “Temperado Chuvoso de Montanha”), na

região montanhosa de Choa e a seca. A precipitação média anual em Catandica é de cerca de 1.591 mm, enquanto a evapotranspiração potencial média anual está na ordem dos 1.240 mm (MAE 2005: 2).

A maior queda pluviométrica ocorre sobretudo no período compreendido entre Novembro de um ano e Abril do ano seguinte, variando significativamente na quantidade e distribuição, de 1.000 a 1.400 mm na região planáltica, podendo ser alta a excessiva na região montanhosa (1.300 a 1.700mm) (Ibidem).

A temperatura média anual varia de 20 a 26°C na região de Catandica e entre 20 a 24°C na região de Choa. As médias anuais máxima e mínima são de 28.8 e 15.7°C, respectivamente, sendo moderada a grande a amplitude térmica (Ibidem: 3).

O distrito de Báruè possui importantes recursos hídricos, a destacar: Rios Pungué, Nhazónia, Phandira, Txatora, Caerezi, Mussinze, Ruela, Nhauroa, Mussambize, Nhahangale, Malómue, Nhamuca, todos de regime permanente (Ibidem).

O clima e a rede hidrográfica da região de Niamara foram propícias para a agricultura e a pastorícia, actividades praticadas no campo, para fortalecer o poder nas zonas urbanas, no interior do seu amuralhado.

2.3. Topografia

O distrito de Báruè possui um relevo planáltico, sendo caracterizado por 3 regiões fisiográficas distintas, nomeadamente:

- Cordilheira montanhosa, com solos aluviais e temperados, o que permite o desenvolvimento de culturas como a batata-reno, feijões, trigo, maçã, algodão, uva e outras culturas do clima tropical de altitude. Esta região, para além das culturas atrás mencionadas, também tem um potencial em pecuária e reúne condições excelentes para o turismo devido às suas belas paisagens.
- Planalto de Báruè, com solos argilosos e boa permeabilidade devido a elevadas precipitações pluviométricas.
- Planície do Norte, que compreende as regiões da localidade Nhassacara, com solos areno-argilosos, fraca fertilidade, temperaturas médias anuais de 23°C, permitindo o desenvolvimento de cereais em pequena escala, assim como o cultivo do amendoim (MAE 2005: 3).

Geomorfologicamente o distrito de Bárue situa-se no vasto Complexo Gnaisso-Granítico do Moçambique *Belt* onde sobressaiem as colinas e montanhas em forma de cordilheiras alongadas com orientação NW-SW ao longo da fronteira entre Moçambique e o Zimbábue, para além do extenso planalto do Bárue contornando os maciços montanhosos (Ibidem).

Destas geoformas de terreno derivam vários agrupamentos de solos, destacando-se os agrupamentos de solos argilosos vermelhos, solos arenosos vermelhos e solos vermelhos de textura média, e ainda os litólicos. Estes solos com a exclusão dos litólicos, são em geral, moderadamente profundos a muito profundos. Os solos argilosos têm boas capacidades de retenção de nutrientes e água enquanto que os arenosos são pouco férteis. Estes agrupamentos de solos são localmente recortados por cursos de água que constituem a rede de drenagem natural onde ocorrem solos mais recentes, os aluvionares (Ibidem).

Deste modo, as condições topográficas da região onde se localiza o amuralhado de Niamara favoreceram a que os seus dirigentes tivessem o controlo do ambiente à sua volta (Macamo 2006a: 216) e sobretudo o desenvolvimento da zona rural, no campo, para a agricultura e a pastorícia. Os produtos agrícolas também desenvolveram a cidade no amuralhado de Niamara.

O capítulo seguinte procura, justamente, interpretar o fenómeno da urbanização em Niamara, a partir dos pressupostos da cidade e do campo.



Figuras: 2 e 3: Representação da vegetação do cume do monte Muranda, onde se encontra o amuralhado de Niamara (Foto: Arlindo Zomba, em 2017).

Capítulo 3. Interpretação do padrão de urbanização em Niamara

Este capítulo descreve o amuralhado, de forma a interpretar o processo da urbanização em Niamara, do ponto de vista da construção e da ocupação do espaço. Este capítulo destaca os elementos das zonas urbanas e do campo, numa base analítica fundada na arquitectura do amuralhado de Niamara e nas evidências arqueológicas.

3.1. Descrição do amuralhado de Niamara

O amuralhado de Niamara localiza-se no Distrito de Bárue, na Província de Manica, perto das divisórias das águas entre as drenagens dos Rios Púngue e Zambeze (Macamo 2006a: 212; capítulo 2). Esta posição difere de outros amuralhados, uma vez que a distância é considerável, tanto em relação a um grande rio (o rio Zambeze), como à zona costeira. O rio Nhacangara é o maior da Serra Choa, onde se posicionou o amuralhado de Niamara (Macamo 2011: 4).

A existência de xisto que contrasta com a dureza do granito, possibilitou que a construção do amuralhado de Niamara fosse de um estilo pouco diferente do comum. A *dhaka* pode ter sido usada para cimentar as paredes do amuralhado e as próprias casas onde vivia a elite dirigente foram feitas também de pedra, ao contrário da habitual estaca da tradição Zimbabwe-Khami. A complexidade das construções em Niamara referenciadas por Wiechhoff em 1941 desafiam qualquer descrição, tendo-as designado de castelo (Macamo 2006a, 2011).

Wiechhoff 1941 designou as construções de Niamara de “castelo” devido à sua complexidade. O amuralhado de Niamara divide-se em duas partes: (a) a parte elevada do norte com construções complexas (castelo) (b) a parte baixa do sul, onde foram encontradas várias fundações de casa de *dhaka* (Wiechhoff 1941 citado por Macamo 2011: 4).

De acordo com a interpretação feita por Wiechhoff em 1941, Niamara, provavelmente teria sido uma pequena cidade com cerca de 30 casas, das quais 9 ou mesmo 10 estavam localizadas dentro do principal amuralhado (Oliveira 1973: 39).



Figura 4: Pedras sobrepostas em formato de "Castelo" em Niamara (Foto: Arlindo Zomba, 2017).

Tabela classificatória do amuralhado

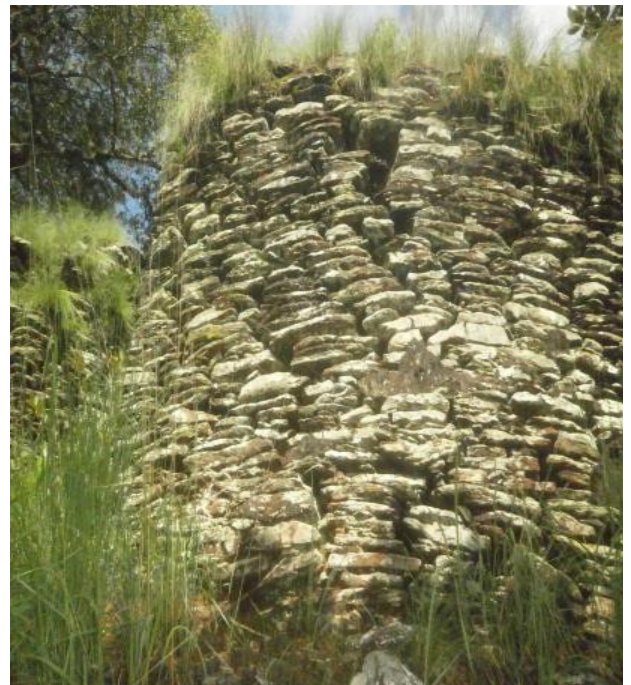
Tipo	Técnica de arquitetura	Tipo de construção	Material de Construção	Função do amuralhado
Khami	Retaining Wall	Construções complexas/castelo	Xisto	Lugar do Chefe

O comprimento do amuralhado de Niamara é de cerca de 130 m uma largura de 25 m, isto é, mais do que o dobro de Manyikeni e Songo. As casas no interior do amuralhado de Niamara foram divididas em duas partes (Macamo 2006a: 216).

Devido às características do xisto, as paredes das construções em Niamara consistem em um número relativamente grande de pequenas pedras. Estas pedras foram organizadas

irregularmente lado a lado e, algumas delas foram colocadas com um tamanho pequeno (Gerharz 1973 citado por Macamo 2006a: 217). A técnica de construção do amuralhado de Niamara mostra algumas semelhanças com a que foi usada em Mapungubwe, onde as camadas de pedra não são dispostas seguindo um padrão regular (Fouché 1937 citado por Macamo 2006a: 219).

Pelo menos seis monólitos similares aos do Grande Zimbabwe foram também encontrados na parte norte do amuralhado (Macamo 2011: 4), como um dos símbolos de poder a par do próprio amuralhado. O poder é também um aspecto a destacar da urbanização, o qual é percebido através da simbologia da arquitectura em Niamara, conforme estudos anteriores efectuados no Grande Zimbabwe (Huffman, 1996; Maculuve 2019).



Figuras 5 e 6: Características arquitectónicas do amuralho de Niamara (Foto: Arlindo Zomba, 2017)

3.2. O padrão linear de urbanização em Niamara

Existem várias versões para o surgimento do termo “Urbanismo”, porém a mais difundida é de origem francesa. Segundo Bardet (1990) este termo surgiu por volta de 1910, na França, no *Bulletin de la Société Géographique* para denominar uma “nova ciência” que se diferenciava das artes urbanas anteriores pelo seu carácter crítico e reflexivo e, pela sua pretensão científica, sendo epistemologicamente o estudo da cidade (urbe, do latim- cidade) (Carvalho Santos/d:7).

Conforme a interpretação de Wieschhoff, Niamara era provavelmente uma pequena cidade (vila), onde existiam aproximadamente 30 palhotas das quais 9 ou mesmo 10 estavam situadas dentro do amuralhado principal e as restantes no lado sul do complexo do amuralhado (Oliveira 1973: 49).

Os dirigentes de Niamara viveram no amuralhado no século XV AD, no alto do monte, deixando o vale para as populações, onde as mulheres tinham poder económico que lhes permitia o controle de cereais, conforme atesta o amuralhado de Magure (Macamo 2011: 4). De acordo com Macamo (2006b), este aspecto realça o campo, como uma área agrícola que era reservada às mulheres, numa perspectiva de divisão do trabalho baseada nas relações do género.

Em Niamara, considera-se a existência de uma maneira sofisticada de construir que se desenvolveu internamente no seio das Comunidades Agrícolas e das inovações tecnológicas, que se beneficiou, no entanto, de outras influências culturais (Macamo 2006a). Esta inovação arquitectónica foi importante para a urbanização de Niamara.

Contudo, a urbanização em Niamara pode ter seguido um padrão linear que consiste no transporte relacionado com as rotas de comunicação, designadamente a via fluvial. A via usada pode ter sido o Rio Púnguè, através da Baía de Sofala, para a prática do comércio a longa distância com o Índico. A existência de artigos importados favorece esta interpretação, conforme será discutido de seguida.

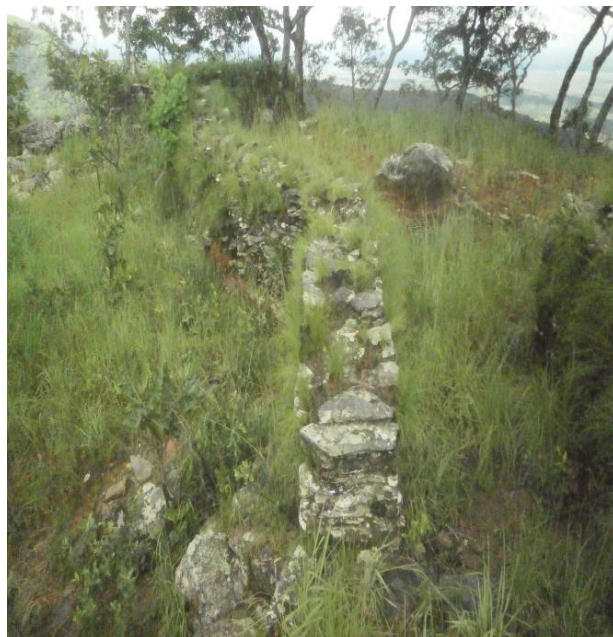


Figura 7 e 8. Representação do tipo e

formato de casas do amuralhado de Niamara (Foto: Arlindo Zomba, 2017)

3.3. Evidências arqueológicas associadas com o recinto amuralhado de Niamara

Foram encontrados em Niamara os seguintes objectos: cerâmica local queimada ou grafitada com vários motivos de decoração (em ziguezague feitos por incisão), mostrando semelhanças com a Tradição Zimbabwe-Khami, fragmentos de porcelana chinesa que foram examinados no Museu Britânico. Este exame demonstrou que os fragmentos de porcelana chinesa indicavam o período intermediário da dinastia Ming, por volta do início do século XVI. Um copo de vidro, uma tigela chinesa azul e branca semelhante ao encontrado por Wieschhoff (1941). Estes vestígios arqueológicos foram também identificados por Caton-Thompson, no Grande Zimbabwe, os quais foram examinados pelo Museu Britânico, que os datou do período em torno de 1700 dC (Macamo 2006a: 228, citando Caton-Thompson 1931). Estes artigos, infelizmente, embora reportados, desapareceram em 1996, aquando da transferência dos objectos arqueológicos que se encontravam no Museu de História Natural, em Maputo, para o DAA (Macamo, citando Liesegang em comunicação pessoal 2020).

Na região de Zumbo, na província de Tete, a cerca de 100 km do amuralhado do Songo, foram identificadas outras peças chinesas pertencentes à dinastia Ming tardia (ou seja, Wan Li) (Macamo 2006a: 228). Wieschhoff (1941) cita uma maçaneta de gaveta de ferro com um entalhe e duas facas de ferro, cada uma com fixador de cobre. Foi descoberta uma balança de feixes feito de bronze e ferro no local que foi usada para medir o peso de pequenos objectos e

provavelmente também o ouro dos campos de ouro de Niamara. Em Niamara foram também encontradas contas de vidro provenientes do comércio a longa distância (Caton-Thompson citado por Wieschhoff 1941), que representam uma lista de contas de vidro em grande detalhe e sugere sua datação entre os séculos IX e X.

Foram ainda relatados outros objectos de proveniência africana local, como pedra sabão e outras miscelâneas. Esses objectos foram encontrados tanto em Niamara como também no amuralhado de Inyanga. Este facto indica que poderiam ter existido contactos entre as duas estações (Gerharz 1973 citado por Macamo 2006a: 229).

Também foram encontradas enxadas, machadinhas, pontas de seta ou azagaia, que mostram a importância da actividade agrícola e da caça praticada no local, juntamente com alguma loiça de origem portuguesa (Barradas 1972:46).

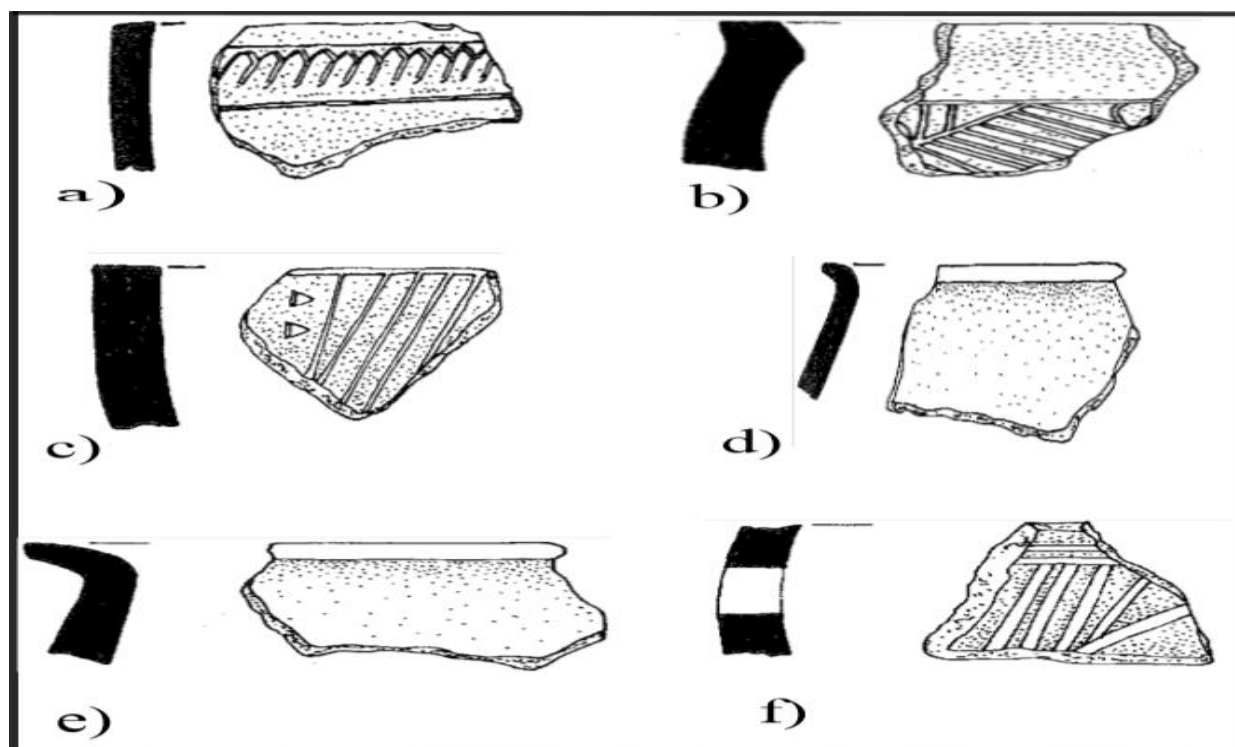


Figura 9: Fragmentos de cerâmica local do amuralhado de Niamara (Macamo 2006a).

- a) Provavelmente uma tigela de espessura larga, cinza claro com impressões da ponta dos dedos logo abaixo da borda;
- b) Provavelmente um pote em forma de bolsa com ligeira eversão no pescoço de uma incisão em espinha no ombro e grafitada;
- c) Provavelmente uma tigela de espessura larga, castanha com bandas oblíquas limitadas ao topo por bandas de incisão horizontal;

- d) Pote de saco com pescoço curto envertido, castanho avermelhado claro sem decoração;
- e) Pote de s com pescoço curto envertido, grafitada. Impressão de pinçamento de dedo no corpo;
- f) Cerâmica de forma desconhecida, castanho escuro, bandas oblíquas de BLI pontuadas.

3.4. Discussão: Processo de urbanização em Niamara-constatações para a formação do lugar central.

Quando se analisa um aglomerado humano africano é muito difícil encontrar informações que permitam ou não atribuir com segurança a categoria de centro urbano ou cidade. Por um lado, nem todos os aglomerados populacionais, por maiores que sejam, são cidades, por constituírem sistemas sociais fechados onde não existem classes especializadas de produtores. Por outro lado, quando não houve um forte poder centralizador, a presença de um artesanato florescente e a necessidade do mercado, não justificaram por si próprios o surgimento de centros urbanos em África (Bruschi 2001:3 & 141). Contudo o campo e os centros urbanos (cidade) são formas concretas, ou seja, a materialização de um modo de vida.

A cidade é tida como o principal objecto de estudo do Urbanismo (o que revela um dualismo), sendo muito mais do que uma aglomeração de pessoas e construções num determinado espaço territorial. É o lugar para onde converge o fluxo de capital econômico, social, financeiro, advindo de várias localidades que estabelecem com ela relações sociais, políticas e económicas, e enfim, onde se concentram os bens de reprodução do capital e a força de trabalho. Isto demonstra a complexidade do que é centro urbano (Carvalho Santos S/d :4).

A cidade é uma povoação de primeira categoria de um país (Introdução). O território da cidade é formado pelos fluxos de mercadorias e pessoas, sendo ela (a cidade) a configuração da estrutura social, e a materialização desta estrutura no território. As transformações no espaço urbano são fruto não só das relações intra-urbanas, mas também de relações regionais e globais, já que a cidade não é um lugar fechado em si. Ela assume relações que ultrapassam a esfera local e regional, o que exige uma visão da cidade inserida num contexto político-econômico mais abrangente (Carvalho Santos S/d:5-6).

Historicamente, a relação entre o centro urbano e o campo é vista por meio da divisão do trabalho em: intelectual e manual, de modo que no centro urbano é beneficiado o produto oriundo do campo. O centro urbano, enquanto construção humana, é um produto histórico-

social e nesta dimensão aparece como trabalho materializado, acumulado ao longo do processo histórico de uma série de gerações. Expressão e significação da vida humana, obra e produto, processo histórico cumulativo, o centro urbano contém e revela acções passadas, ao mesmo tempo em que o futuro, que se constrói nas tramas do presente (Carlos 2007:11).

Paul Singer (1993 citado por Monte-Mór 2006: 7), afirma que “a cidade ou centro urbano é o modo de organização (sócio)espacial que permite à classe dominante maximizar a extração regular de produtos do campo e transformá-los em garantia alimentar para a sua sustentação e de um exército que garanta a regularidade dessa dominação e extração”.

Por outro lado, Carlos (2007) diz que o centro urbano é o centro da organização social e económica, portanto, nela estão concentrados os principais serviços e produtos que são consumidos tanto pela população da própria cidade, quanto pela população do campo, a qual não consegue produzir tudo aquilo de que necessita. Ela, não apenas controla e comercializa a produção do campo, mas também passa a transformá-la e agregar valor à esta, expandindo a sua esfera de dominação. Assim, o campo que até então era praticamente autossuficiente, se vê dependente da cidade, em alguns casos.

Actualmente no centro urbano, o produto do campo é transformado nas fábricas e, posteriormente revendido aos consumidores. A indústria impõe à cidade a sua lógica centrada na produção e o espaço da cidade organizado como lugar central e privilegiado do excedente económico, do poder político e da esfera cultural, legitimado como obra e regido pelo valor de uso colectivo, que passa a ser privatizado e subordinado ao valor de troca. Assim, os produtos deixam de possuir seu valor original, de uso, e passam a ser valorizados pelo custo de troca. Neste processo, o “homem do campo” se torna mais uma vez subordinado à fábrica, pois vê sua produção ser transformada e acrescida de valor (Monte-Mór 2006: 09; c.f. Costa 1980).

A presente discussão possibilita as conclusões que se seguem, tiradas deste estudo.

Conclusão

A importância das ligações comerciais, para a emergência da urbanização em Niamara contribuiu para a formação do lugar central, conforme se constatou neste trabalho. O estudo mostrou que esta ligação, pode ter sido, usando o Rio Púnguè, que possibilitou a penetração de objectos exóticos, em Niamara, através da baía de Sofala, provenientes do comércio a longa distância com o Índico.

Que elementos contribuíram para a formação do lugar central em Niamara?

Os elementos geográficos ajudaram a perceber como é o que os recursos naturais existentes (solos, clima e uma excelente rede hidrográfica) favoreceram o campo, para o desenvolvimento das actividades agrárias (capítulo 2).

A base analítica fundada na arquitectura do amuralhado de Niamara e nas evidências arqueológicas providencia elementos acerca da existência dos lugares urbanos. Estes locais surgiram de um padrão linear ligado às vias fluviais de comércio a longa distância que era feito através do Rio Púngué até à Baía de Sofala. Esse facto é comprovado pela existência de objectos importados, como a loiça vidrada de origem chinesa. A transformação desta mercadoria como produto exótico favoreceu a emergência da urbanização em Niamara, como lugar central, através da sua distribuição hierárquica, para alimentar o poder em Niamara (capítulo 3). A hierarquia, como se viu, é uma das características da urbanização, diferente do

campo, onde as relações sociais são baseadas na igualdade de circunstâncias entre os seus membros.

Este estudo mostrou também a necessidade futura do aprofundamento do estudo do amuralhado de Magure, com o qual Niamara tinha relação. Impõe-se ainda o melhor esclarecimento acerca das rotas de comércio que faziam circular os produtos importados em Niamara, para a formação do padrão linear de urbanização.

Referências Bibliográficas

Araújo, G. M. 1997. *Geografia dos povoamentos: uma análise geográfica dos assentamentos humanos rurais e urbanos*. Maputo: Livraria universitária-Universidade Eduardo Mondlane.

Bandama, F. Manyanga, M & Chirikure, S. 2018. “Copper wire objects from Jahunda and Little Mapela: technology, value systems and networks in Iron Age southern Africa”. *Azania*: 53,(4): 528–545.

Barradas, L. 1972. “Os Construtores dos Zimbábues”. *Monumenta* 8: 41-53.

Bannerman, J. 2012. “*Serra Zembe, Gondola District, Mozambique: Zimbabwe Sites of the Rulers of Tewe- History, Location, Linkages with Contemporary Tradition Leaders*”. 08-17.

Bruschi, S. 2001. *Campo e Cidades da África Antiga*. Maputo: Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico-UEM.

Carlos, A. 2007. *O Espaço Urbano: Novos Escritos Sobre a Cidade*. São Paulo: Labur Edições.

Carvalho Santos, J. Reflexões por um Conceito Contemporâneo De Urbanismo: 2-24. S/d.

- Chirikure, S. Manyanga, M. Pollard, M, A, Bandama, F. Mahachi, G &Pikirayi, I. 2014. “Zimbabwe Culture before Mapungubwe Zimbabwe Culture before Mapungubwe: New evidence from Mapela Hill, South-Western Zimbabwe”. Plos one 9 (10): 1-18.
- Chirikure, S.Nyamushosho, R. Bandama, F. &Dandara, C. 2018. “Elites and commoners at Great Zimbabwe: archaeological and ethnographic insights on social power: 1056–1075.
- DAA-UEM. 1980. “*Arqueologia e conhecimento do passado*”. Trabalhos de Arqueologia e Antropologia 1: 1-10.
- Ekblom, A. 2004.*Changing landscapes: an environmental history of Chibuene, southern Mozambique*.(Studies in Global Archaeology5). Uppsala: Department of Archaeology and Ancient History.
- Huffman, T.N. 1996. *Snakes & Crocodiles: power and symbolism in ancient Zimbabwe*. Johannesburg: WitwatersrandUniversity Press.
- Huffman, T. N. 2015. “*Mapela, Mapungubwe and the origins of states in southern Africa.*” South african archaeological bulletin 70 (201): 15–27.
- Hall, M. 1987. *The changing past: Farmers, Kings and traders in southern Africa, 200-1860*. Cape Town: David Philip.
- Juma, A. 2004.*Unguja Ukuu on Zanzibar. An archaeological Study of Early Urbanism*. Studies in African Archaeology 3. Uppsala: African and Comparative Archaeology. Department of Archaeology and Ancient History.
- Macamo, S. 2003.*Dicionário de Arqueologia e Património Cultural de Moçambique*. Maputo: Ministério da cultura e UNESCO.
- Macamo, S. 2006a. *PrivilegedplacesinSouth Central Mozambique: TheArchaeologyofManyikeni, Niamara, Songoand Dengue-Mufa*. Tese de Doutorado. Studies in Global Archaeology 4.University of Uppsala.
- Macamo, S. 2006b. *Niamara and Magure, two possibly gendered places in the Choa mountain range of Central Mozambique*.In the African Archaeology Network.John and Jill Kinahan (eds). StudiesintheAfricanPast 5: 34-46.

Macamo, S. 2009. Manual de Pré-história de Moçambique. Maputo: UEM, Departamento de História.

Macamo, S. 2011. Paisagens Culturais da Tradição Zimbabwe em Moçambique. Maputo: DAA/UEM.

Macamo, S. 2016. Conceito de Urbanismo e Complexidade. Maputo: DAA/UEM.

Macamo, S. Duarte, Y. and Duarte, R. 2018. *A Hierarchical System of Central Places. Zambezi Valley, Mozambique, c. 1400-1900.* , 119-142. In A. Ekblom, C. Isendahl and K. Lindholm (eds) *The resilience of heritage. Cultivating a future of the past. Essays in honour of Professor Paul J.J. Sinclair.* 119-142. Uppsala: Uppsala Universitet.

Macamo, S. 2020. Urbanização e Complexidade. Maputo: DAA/UEM.

Maculve Júnior, E. 2019. KATUTA MABWE SONGO: Uma Construção em Plataforma na Província de Tete, no Distrito De Cahora Bassa (Séc. XVIII AD) (trabalho não publicado). Maputo: DAA/UEM.

MAE. 2005. “*Perfil do Distrito de Bárue Província de Manica*”. Maputo: Ministério da Administração Estatal. <http://www.govnet.gov.mz/> [consultado aos 18 de Março de 2020].

Manyanga, M. 2006. *Resilient Landscapes: socio-environmental dynamics in the Shashi-Limpopo Basin, southern Zimbabwe c. AD 800 to the present*. Uppsala: Department of Archaeology and Ancient History.

Monte-Móret all. 2006. *O que é o urbano, no mundo contemporâneo*. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar.

Ndoro, W. 1997. “*Great Zimbabwe*” *Scientific American* 1: 95-99.

Ndoro, W. 2001. *Your monuments our Shrine: the preservation of Great Zimbabwe*. (Studies in African Archaeology 19). Uppsala: Department of Archaeology and Ancient History, Uppsala University.

Ndoro, W. 2005. *The preservation of Great Zimbabwe: Your monuments our Shrine*. Rome: ICCROM.

Oliveira, O.R. de. 1973. “*Zimbabwes de Moçambique: Proto-história africana*”. *Monumenta* 9: 31-64.

Pikirayi, I. 2013. “*Stone architecture and the development of power to the Zimbabwe tradition AD 1270-1830*”. *Azania*: 282-300.

Santos, M. 1993. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo, Hucitec.

Carvalho Santos, J. Reflexões por um Conceito Contemporâneo De Urbanismo.

Sinclair, P. J. J. 1987. *Space, Time and Social Formation: a territorial approach to the archaeology and anthropology of Zimbabwe and Mozambique c. 0-1700 AD*. (AUN 9): Uppsala: Societas Archaeologica Upsaliensis.

Sinclair, P.J.J. 1998. *Urban Origins in Eastern Africa*. In: *The City, Local Tradition and Global Destiny: a seminar on urban cultural heritage (September 21–25, 1998)*, 57–62. Stockholm: Swedish International Development Cooperation Agency.

Wieschhoff, H.A. 1941. *The Zimbabwe-Monomotapa culture in southeast Africa*. General Series in Anthropology 8. Menasha: George Banta Publishing Company.